

ASSENTAMENTO OZIEL PEREIRA. REMÍGIO. PARAÍBA: PASSOS PARA UMA TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA

Anne Caroline Bandeira Avelino Alves¹; Daniel Duarte Pereira²; Anderson Rodrigo Luciano da Silva³; Priscila Santos Rodrigues da Silva⁴

¹Universidade Federal da Paraíba, anne-corol-line@hotmail.com

²Universidade Federal da Paraíba, danielduartepereira@hotmail.com

³Universidade Federal da Paraíba, andersoncaufpb@gmail.com

⁴Universidade Federal da Paraíba, rodriguespriscila56@gmail.com

Introdução

Projetos de Assentamentos Rurais constituem-se verdadeiros laboratórios para se verificar até onde as ações individuais e coletivas podem se aproximar ou se repelirem. A natureza de surgimento dos mesmos; o perfil de origem e de profissão de cada assentado; o passivo ambiental existente; as políticas públicas em execução; a orientação técnica realizada, entre outras características e ações fazem com que determinado assentamento, ou determinado grupo dentro do assentamento, possa agir de forma mais adequada no tocante aos relacionamentos de vizinhança e de uso dos recursos ambientais.

No Semiárido Paraibano, município de Remígio, encontra-se instalado o Projeto de Assentamento Rural Federal Oziel Pereira. O Assentamento tem sua área territorial de 999,0 ha foi fundado em 1999 e conta com o número de 50 famílias assentadas sendo localizado na área oeste do município. O tamanho de cada lote é de 10,0 hectares. O restante é de uso coletivo e Reserva Legal. A produtividade agrícola é para o consumo e o excedente é vendido nas feiras livres. A criação de animais é feita tanto para o consumo quanto para revenda em feiras locais (ARAÚJO; SANTOS, 2015; LIMA et al., 2015; OLIVEIRA et al, 2015).

Situado em uma transição entre uma área mais úmida (Brejo Paraibano) e uma área mais seca (Curimataú Paraibano) o assentamento apresenta algumas peculiaridades que se bem detectadas e estudadas e, conseqüentemente, analisadas e divulgadas podem servir de reflexão tanto para as famílias ali radicadas como para outros assentamentos circunvizinhos ou de outras regiões com características semelhantes.

Para Lima et al (2015) existiu no assentamento um incentivo a Agroecologia de forma aprofundada com a inserção de alguns assentados em projetos governamentais com prioridade na prática agroecológica ocorrendo o preparo do solo também por meio da tração animal e ocorrendo informações sobre a baixa infestação de

pragas e o uso do controle natural de pragas e doenças como também, a não utilização de adubação química sendo a adubação orgânica de uso mais regular.

Neste sentido, procurou-se verificar até onde os assentados avançaram no que se refere à percepção e reflexão sobre uma produção agropecuária sustentável baseada não só no uso de técnicas concernentes a transição agroecológica, como nas relações de ancestralidade no recebimento e transferência de conhecimentos, além de aspectos referentes à segurança alimentar; segurança forrageira; armazenamento de grãos; consórcios; controle natural de pragas e doenças e associativismo.

Metodologia

O trabalho foi realizado no Assentamento Oziel Pereira no município de Remígio, estado da Paraíba, situado na Mesorregião do Agreste Paraibano e Microrregião do Curimataú Ocidental, Bioma Caatinga e Bacia Hidrográfica do Rio Mamanguape. O município possui uma população estimada em 17.581 habitantes, área territorial de 178,0 km² e altitude de 593,0 m (IBGE, 2010).

A pesquisa foi realizada entre os meses de junho a setembro de 2016, com 21 assentados e assentados, oriundos das Agrovilas Cajá e Lagoa do Jogo, representando 14,0% das famílias radicadas e que foram delegadas com a ajuda do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Remígio/PB.

As entrevistas foram intermediadas por um representante dos trabalhadores rurais e foram realizadas com roteiro semiestruturado, nas residências de cada família, podendo, os agricultores expressarem-se livremente. Para o desenvolvimento deste trabalho, foi utilizada como metodologia a pesquisa descritiva que, segundo Andrade (2003), tem como característica observar os fatos, os registros, as análises, as classificações dadas e suas interpretações.

A entrevista utilizada apresentou 23 questões referentes às características sociais, produção agrícola e pastoril. Os dados manuscritos foram digitalizados em arquivo ou formato de planilha para sistematização, análise e apresentação dos resultados.

Resultados e discussão

Com relação às respostas ao tempo de moradia no assentamento, 33,33% dos assentados responderam que já moram na localidade há 15 anos. Quanto ao aprendizado sobre o cultivo 80,95% alegou ter recebido dos pais seguido em 14,29%, das mães, demonstrando a

importância do gênero feminino tanto em parceria como de forma isolada na transmissão de conhecimentos.

No que se refere à transmissão do conhecimento aos descendentes na tabela 3 se repete o que aconteceu com a maioria dos assentados, que alegaram agora transmitir para os filhos (66,67%) e netos (14,29%).

Três fatores interessantes podem ser observados. O primeiro, que condiz com a presença, ainda, de filhos no espaço de produção; o segundo, a presença de netos, e o terceiro, a presença do visitante no espaço de produção.

O que pareceu não acontecer com os assentados na sua formação como agricultores que foi a transmissão de avô/avó para neto/neta, acontece agora nos espaços de produção liderados por eles. Por outro lado, a presença de visitantes denuncia a prática dos intercâmbios muito presentes na discussão, na transição e na prática agroecológica.

No que se refere à área de cultivo 42,86% dos entrevistados responderam que utilizam 1,0 ha, seguidos de 23,81% que não sabem corretamente a área cultivada e 19,05% que cultivam cerca de 2,0 ha.

Considerando que a área de cada assentado é de 10,0 ha, isto significa que a ocupação, para 42,86% dos assentados é de apenas 1,0 ha ou 10,0%; para 19,05% dos assentados a ocupação, é de 2,0 ha ou 20,0% da parcela; para 4,76% dos assentados a ocupação varia de 1,5 ha a 2,0 ha ou 15,0% a 20,0% da parcela, respectivamente, e para 4,76% dos assentados a ocupação é de 30,0% da parcela. O preparo da terra segundo o questionamento feito realizado utilizando-se trator, arado de tração animal e enxada em todas as áreas.

A maioria dos assentados (19,04%) planta em janeiro seguido de plantios em março, abril e maio (9,52%); março e abril (9,52%); maio (9,52%) e abril e maio (9,52%) denotando a concentração de plantios de janeiro a maio (57,12%) com indicativos de plantio até o mês de agosto.

Por se localizar em uma região de transição entre uma área mais úmida e uma mais seca, denominada de Curimataú, o assentamento é beneficiado com um período maior de precipitação, o que proporciona melhores condições para as culturas e o estoque de água em reservatórios e cisternas. Mesmo assim, a água armazenada não é suficiente para exercer alguma atividade de irrigação mais tecnificada utilizando de regadores manuais de pouca capacidade para irrigar hortaliças.

Quando questionados sobre o cultivo tradicional 33,33% dos entrevistados alegaram realizar o cultivo de forma tradicional com informações do tipo: “...são as que mais se adaptam a região!”

Já 9,52% alegaram não plantar de forma tradicional e haver mais diversidade no passado incluindo a presença de hortaliças como atividade diferenciada.

Com relação ao cultivo e produção agrícola o feijão e o milho são as principais culturas encontradas na localidade, contando com 100,0% de respostas dos assentados, seguidas de fava (71,43%), batata-doce (57,14%), jerimum (52,38%) e hortaliças (52,38%)

Observou-se que as culturas de milho, feijão, fava e jerimum dificilmente são plantadas em forma de monocultura e sim de forma agroecológica obedecendo ao sistema de consórcios e em alguns casos de agroecossistemas. Em um questionamento 71,45 % dos assentados cultivam milho, feijão e fava em sistema de consórcio, por exemplo.

Os consórcios mais utilizados são de feijão com milho (33,33%) seguidos de fava com milho (14,29%) e feijão variando com milho e fava (9,52%) totalizando 66,66%. Entretanto, 23,81% dos entrevistados alegou não fazer consórcios.

Por outro lado, valores significativos referentes ao cultivo de hortaliças denotam o uso apropriado das cisternas calçadão presentes praticamente em todo o assentamento simbolizando o estoque de água para produção e os valores referentes à cultura da palma e capim garantindo o estoque forrageiro.

As sementes de feijão, fava e milho como as mais guardadas (47,62%) seguidas de feijão, milho, jerimum e fava (9,52%). Cerca de 4,76% alegaram não guardar sementes.

O processo de guarda ocorre em garrafas PET nas residências em 71,43% das respostas, seguido de garrafas PET em banco de sementes (9,52%). Chama a atenção, o uso predominante atual das garrafas PET substituindo os antigos silos de metal e garrafões e garrafas de vidro. Entretanto, a maioria das garrafas PET é de coloração clara e guardadas em locais com boa luminosidade enquanto, os silos metálicos não permitiam passar nenhuma luminosidade e os garrafões e garrafas de vidros mesmo transparentes ou opacos eram guardados em condições de baixa luminosidade e até mesmo debaixo de camas e outros mobiliários. Não se sabe até que ponto este armazenamento está interferindo na qualidade das sementes. Segundo a ABIPET (s.d.) o PET significa Poli (Tereftalato de Etileno) sendo um poliéster, polímero termoplástico.

Lobo (2012) em um tutorial sobre o armazenamento de sementes em garrafas PET ressalta a necessidade de higienização das garrafas, utilização de dentes de alho como antisséptico e a formação de vácuo e boa vedação para garantir armazenamento por até cinco anos sem perda de qualidade de grãos para consumo humano e sem riscos de contaminação com o bisfenol A presentes nas garrafas.

Quanto ao tempo de “durabilidade” das sementes armazenadas este variou de 08 meses a 03 anos com a maioria registrando tempo de 02 anos (38,10%) e 01 ano (23,81%). Um dos assentados registrou que “... se passar de 01 ano a semente ‘resfria’¹ e não nasce mais!”. Quanto ao destino dados às sementes a maioria utiliza apenas para consumo (42,86%) seguido do consumo e sobras vendidas em feira (33,33%). Alguns (19,05%) além de consumirem e venderem em feiras livres vendem também em feiras agroecológicas ou fazem entregas particulares. Isto denota uma atividade empreendedora com relação a comercialização e participação em atividades relacionadas a discussão agroecológica.

Cerca de 90,47% dos assentados criam animais domésticos. Destacando-se galinhas (76,19%), bovinos (47,61%) e ovinos (42,85%) como os maiores plantéis.

Para a alimentação animal, 23,81% não utilizam de formulações que podem ser obtidas na própria parcela o que significa que podem fazer parte dos que não criam (02 assentados), adquirem totalmente de vizinhos ou através de compra. Ou mesmo, submetem os animais a estresses representados pela má alimentação.

Para a alimentação animal, 23,81% não utilizam de formulações que podem ser obtidas na própria parcela o que significa que podem fazer parte dos que não criam (02 assentados), adquirem totalmente de vizinhos ou através de compra. Ou mesmo, submetem os animais a estresses representados pela má alimentação.

Das formulações citadas predominou a palha de milho e a casca de feijão (19,05%) e a palha de milho (9,52%). Ressalte-se a importância da cultura do milho na segurança forrageira dos rebanhos onde em algumas localidades do Semiárido Brasileiro muitos plantam mais pela palhada do que pela produção de grãos. Porém, 76,17% dos assentados fazem uso de alguma formulação.

Em relação a segurança forrageira dos rebanhos, 57,14% dos assentados alegou não promover a segurança forrageira total dos rebanhos e 4,76% buscam complementar com os vizinhos resultando em 61,9% de assentados com insegurança forrageira.

Conclusões

Do exposto pode-se verificar que houve um avanço significativo para a maioria dos entrevistados e entrevistadas no tocante a transmissão do conhecimento ancestral de produção para descendentes e visitantes, mesmo com algumas inserções de práticas inerentes a transição agroecológica como a guarda e conservação de sementes; uso de caldas naturais e biofertilizantes; consórcios e diversidade de produção e participação em feiras agrocológicas.

Os indícios de falta de segurança forrageira para os rebanhos de alguns assentados e a necessidade, ainda, de assistência técnica para projetos produtivos de cunho governamental, ou não, caracterizando dificuldades de empoderamento, são sintomas de que o processo de transição tem nestas duas frentes metas a serem cumpridas a partir de discussões e tomadas de decisão conjunta como o assentamento.

Palavras-chave: Agricultura familiar; Produção agroecológica; Segurança forrageira.

Referências

ANDRADE, M. M. de. Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação. 6. ed. São Paulo: **Atlas**, 2003.

ANDRADE, A. A. X., MOREIRA, D. C, MOURA, R. A. **O Papel da Organização Social e Ambiental nos Assentamentos Rurais**. Publicado em 07/02/2013. Disponível em: <<https://www2.cead.ufv.br/espacoProdutor/scripts/verArtigo.php>>? Acesso em: Fevereiro de 2014

ARAUJO, J. L. M. R. DE; SANTOS, S. A. DOS. Utilização de diagnóstico participativo na construção de um projeto de pesquisa ação. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 2, p. 1–5, 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: Fevereiro, 2017.

LIMA, G. T. C., SILVA, J., A., REIS, A. S., ALBUQUERQUE JÚNIOR, J. E., SILVA, I., C. Diagnóstico sócio econômico, ambiental e físico conservacionista do assentamento Oziel Pereira Remígio – PB. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, 2015.

LIMA, J. L. S. de. **Plantas forrageiras das caatingas: usos e potencialidades**. Petrolina: EMBRAPA-CPATSA, 1996. 43 p.

LOBO, J. **TUTORIAL: ARMAZENANDO GRÃOS EM GARRAFAS PET**. 2012. Disponível em: <<https://sobrevivencialismo.com/2012/01/24/tutorial-armazenando-graos-em-garrafas-pet/>>. Acesso em: Fevereiro, 2017.

OLIVEIRA, S. F. B. *et al.* Atividades agrícolas sustentáveis nos projetos do Plano Brasil Sem Miséria: Estudo de caso no Projeto de Assentamento Oziel Alves III desenvolvido por



estudantes de Agroecologia do IFB em parceria com a Emater-DF. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, 2015.

SANTOS, D. D., FARIAS I., LIRA, M. D. D., SANTOS, M. V. F. D., ARRUDA, G. D., COELHO, R. S. B., DIAS, F. M., MELO, J., N. Manejo e utilização da palma forrageira (Opuntia e Nopalea) em Pernambuco. **Recife: IPA**, 2006.